

Mulheres em diáspora: margens culturais e busca de sentidos através da entrevista etnobiográfica

Maura Mendes e Ricardo Vieira

Centro de Investigação Identidades e Diversidades, do Instituto Politécnico de Leiria (Portugal)

Palavras-chave: imigração, (re)construção identitária, reflexividade, (trans)formação, entrevista etnobiográfica.

A presente comunicação pretende dar a conhecer parte duma investigação em curso, no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação, especialidade em Educação e Diversidade Cultural, que procura desocultar os processos de (re)construção identitária de mulheres imigrantes em Portugal que procuram tanto afirmar a sua identidade como gerir a sua mobilidade social. Quem vive entre “dois mundos”, numa constante interacção com a alteridade, procura (re)construir o seu novo *eu* entre a cultura de origem e a cultura de chegada, descobrindo-se, muitas vezes, numa verdadeira encruzilhada reflexiva. A problemática deste estudo situa-se, assim, no campo das identidades compósitas, mestiças, idiossincráticas, interculturais, características de uma pós-modernidade.

Nesta viragem de século, em que nos percebemos cidadãos do mundo (o que tanto nos constrange como nos liberta), a construção da identidade torna-se num permanente confronto entre *nós* e os *outros*. Neste sentido, e atendendo ao tema em estudo, a recolha de testemunhos biográficos através de entrevistas aprofundadas afigurou-se uma abordagem adequada e eficaz para recolher as narrativas das mulheres imigrantes. Somente fazendo falar o detalhe vivo do tecido das vidas destas mulheres, repletos de sentimentos e de emoções, podemos procurar compreender as razões que as levaram a emigrar, como decorreram os seus processos de integração/exclusão, que transformações ocorreram nas suas vidas e em si próprias. Interessa aqui, portanto, dar relevo ao mundo subjectivo, procurar compreender a compreensão dos outros como forma de desocultar os significados que estes atribuem ao seu comportamento, às suas escolhas, enquanto sujeitos autónomos, capazes de traçar o seu próprio projecto de vida e de reflectir sobre ele. Não partimos, pois, em busca de padrões de comportamento, ou do comportamento *per se*, mas na tentativa de buscar o processo (e não apenas o produto), aprofundando o nível de entendimento de um momento que está a ser (re)vivido e (re)construído pela pessoa.

As entrevistas realizadas, das quais se irão salientar extractos das vozes para ilustrar a eficácia desta metodologia etnobiográfica, conseguem mostrar como as entrevistadas se (re)descobrem e racionalizam experiências

passadas. O facto de contarem a sua vida a alguém que as questiona a partir das suas próprias lógicas e contextos provoca-lhes uma espécie de reciclagem pessoal, de descobertas em si, de auto-formação.

This presentation aims to present part of an on-going research project, within the Master on Education and Cultural Diversity, which tries to uncover the processes of identity (re)construction of immigrant women in Portugal, wishing to state their identity whilst managing their social mobility.

Those living between “two worlds”, in constant interaction with otherness, try to (re)construct their new “I” between the culture of origin and that of arrival. In so doing, they often find themselves to be living at reflexive crossroads. This study, therefore, centres itself in the field of composite identities, which reveal mixed, idiosyncratic, intercultural post-modern characteristics.

In this turn of century, in which we see ourselves as citizens of the world (constraining and liberating us), the building of an identity becomes a permanent confrontation between “us” and “others”.

With this in mind, and taking the research theme into account, it seemed adequate to collect biographical registers through thorough interviews, so as to collect the narratives of immigrant women. Only when making women speak in detail about the fine tissues of their lives, sprinkled with feelings and emotions, can we come to understand the reasons which took them to emigrate; how they were included/excluded; the changes that occurred in their lives and in themselves.

It is thus important to place emphasis on the subjective world; to try to understand other people’s understanding, so as to uncover the meanings that they might attribute to their acts and their choices, whilst autonomous beings, capable of devising their own plan and to reflect upon it.

We are, therefore, not looking for behavioural patterns, or even simple behaviour. We are only trying to understand the process (rather than the product), by digging deep into a moment that is being (re)lived and (re)built by the person.

The interviews that were carried out, of which a few voices will be shown to illustrate this ethnobiographical methodology, show how the interviewees (re)discover themselves and rationalise their past experiences. The fact that they are telling their lives to somebody who questions them through the glass of his/her own beliefs and contexts makes them undergo a sort of personal recycling, discovering themselves, in self-formation.

1. O PROBLEMA

“Se olharmos para a história, desde sempre até à actualidade, é inevitável detectarmos grandes movimentos de populações, bruscos e repentinos ou lentos e graduais, que deram origem a nações ou estados, que alteram o desenvolvimento de países e de sociedades, ou que os marcam profundamente.” (Barreto, 2002: 261)

Presentemente, torna-se difícil às sociedades conseguirem ficar indiferentes aos efeitos do fenómeno da globalização, que combina tempos, espaços, histórias e é marcada pelo desenraizamento irregular das relações sociais e por processos de desterritorialização das identidades e de destradicionalização (Hall, 2003a). Laclau (1990) usa o conceito de “deslocamento”; trata-se da modernidade tardia (Giddens, 1991, 1994; Santos, 1992), da emergência do sujeito pós-moderno (Hall, 2003a; Lyotard, 1989), conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais e sociais que nos rodeiam. Contudo, a globalização não é um processo natural e inevitável, cujos imperativos só podem ser obedecidos e jamais submetidos à resistência ou variação. Juntamente com as tendências homogeneizantes da globalização, que têm causado efeitos diferenciadores no interior das sociedades, subsiste a “proliferação subalterna da diferença” (Hall, 2003b). Stoer e Magalhães (2005) propõem-nos as ideias de “A Diferença Somos Nós” e de “Bazar do Kuwait” como estruturadoras de uma nova concepção das sociedades, e das sociabilidades actuais. De facto, trata-se de um paradoxo da globalização contemporânea, ou seja, embora culturalmente tudo pareça mais ou menos semelhante entre si, as diferenças inevitavelmente permanecem e, muitas vezes, inventadas na relação com o *outro*.

“Sempre que está em causa a identidade, a diferença, os particularismos culturais, o debate incendeia-se. [...] A experiência da alteridade e da diferença foi, em todos os tempos, acompanhada de tensões e violências” (Wieviorka, 2002: 17)

A globalização económica associou-se às migrações, cada vez mais intensas, que põem em contacto pessoas, homens e mulheres, oriundos de diferentes origens geográficas e/ou culturais que habitam, vivem e sobrevivem no mesmo espaço social, cultural político, sob uma lei que amplia, ou não, a dissonância perante a sua visão do modo de vida. O fenómeno das migrações não é nada de novo na história humana mas, se o “colocarmos em justaposição com o rápido fluxo de imagens, textos e sensações mediatizados, temos uma nova ordem de instabilidade na moderna produção de subjectividades” (Appadurai, 1996: 15). Quem vive os contextos de migração, procura tanto afirmar a sua identidade como gerir a sua mobilidade. Numa condição de diáspora, as identidades tornam-se múltiplas, compósitas (Maalouf, 1998; Vieira 1999a; Vieira, 1999b) híbridas, mestiças (Laplantine e Nouss, 2002; Wieviorka, 2002; Vieira, 2004) e ninguém que dentro dela se mova fica indiferente ao contactar com outras culturas. De facto, cada vez mais se vêm desenredando e subvertendo os seus próprios modelos culturais essencializantes e homogeneizantes herdados.

Todavia, a globalização também diz respeito ao nosso quotidiano. É, conforme destaca Giddens (1994), um fenómeno "aqui dentro", directamente ligado às circunstâncias da vida local. Por ser um contexto contraditório, geram-se problemas, mas também soluções; dependências, mas também desenvolvimentos; limites e possibilidades, que se repercutem na nossa maneira de ser, pensar, sentir e agir e na nossa autonomia. Sob uma óptica dialéctica, a globalização pode favorecer e ampliar o exercício da autonomia dos indivíduos e pode também dificultar, limitar ou impossibilitar este exercício.

É nesta condição pós-moderna que colocamos a problemática da (re)construção das identidades nas mulheres imigrantes, não como um grupo coeso, unido por uma espécie de *solidariedade mecânica*, como teorizou Durkheim (Xiberras, 1993), mas como sujeitos autónomos, capazes de traçar o seu próprio projecto de vida. Assim, o tema central da investigação de que aqui trazemos parte prende-se com a(s) diáspora(s) contemporânea(s) e a (re)construção identitária, em contextos de globalização, de mulheres imigrantes em Portugal, na transição do século XX para o século XXI.

Neste estudo, pretende-se abordar o fenómeno da migração feminina recorrendo a dados empíricos e a sujeitos que vivem estes processos na primeira pessoa, repletos de constrangimentos e sucessos decorrentes da diáspora, seja ela relativa às migrações laborais (Gonçalves e Figueiredo, 2005) e familiares (Perista, 1998a e 1998b), à europeização do ensino, ou a qualquer outro projecto pessoal, que não necessariamente económico.

“Com esse acesso à cultura dominante, duas coisas podem acontecer. Ou se ignora e esquece o passado cultural donde se provém, que dá uma mente cultural para o entendimento da vida, ou, pelo contrário, se consegue tirar partido dessa riqueza da cultura original, como experiência, como quotidiano entre os vários quotidianos da vida (...)” (Vieira, 1999a: 88)

Quando nos centramos no estudo das trajectórias sociais vividas por estas mulheres, ouvindo esse outro lado do fenómeno migratório, o lado particular e interior contado na primeira pessoa, é na tentativa de perceber como estas pessoas viveram e/ou vivem este processo de mudança e transformação, e de que forma os diferentes contextos sociais, culturais, educacionais, políticos interagem com a (re)construção identitária destas mulheres que habitam “entre dois mundos” (Cunha, 1997), entre a cultura de partida e a cultura de chegada (Vieira, 1999b; Laplantine e Nouss, 2002; Kaufmann, 2003) que, não raras vezes, “coloca as pessoas numa encruzilhada reflexiva” (Vieira, 1999b: 61).

É um facto que a imigração, concretamente em Portugal, é hoje uma realidade com a qual vivemos diariamente, na sua quantidade (cerca de 5% da população residente e 10% da população activa) e diversidade, com imigrantes vindos de África (sobretudo dos PALOP), da América (sobretudo do Brasil), da Europa (com a mais recente imigração chamada *de Leste*), da Oceânia e da Ásia, imigrantes espalhados por todo o território e ocupando os mais variados locais no espaço social.¹

Dentro deste panorama, houve no entanto, um factor que despertou o nosso interesse, e que vem contrariar todos os indicadores registados até hoje: o aumento significativo do número de mulheres que deixam os seus países de origem, fazendo com que o

¹ Relatório de Estatísticas da Imigração, Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas/Presidência do Conselho de Ministros, Dezembro 2005.

fenómeno perca a característica de ser um movimento predominantemente masculino (Wall, 2005). O número internacional de migrantes ascende a 175 milhões de pessoas em todo o mundo, e a proporção de mulheres ronda os 50%.² Em Portugal, no ano de 2004, o número de mulheres imigrantes ronda os 121 mil, contra 144 mil homens imigrantes.³ Presentemente, o panorama dos fluxos migratórios para Portugal estão a mudar, surgem novos processos de imigração autónoma feminina. Emergem *novas* mulheres imigrantes.

“Os contextos em que ocorrem os processos migratórios definem não só o grau de liberdade dos actores na tomada de decisão, como também nas estratégias utilizadas nos percursos. Assim, quando a decisão de emigrar assenta em motivos de ordem económica, é clássico ser o homem a emigrar em primeiro lugar e só depois de ter obtido o mínimo de condições que garanta a subsistência do seu agregado ‘manda chamar’ a família” (Saint-Maurice, 1997: 86)

A análise dos fluxos migratórios, tanto a nível internacional como nacional, tem observado frequentemente a imigração como um processo neutro do ponto de vista do género, secundarizando muitas vezes, o papel das mulheres. O fenómeno migratório sempre foi considerado uma actividade masculina ou, em escassas ocasiões, como actividade sem especificação de género, apesar de investigações recentes indicarem que, pelo menos metade, e por vezes mais de metade da população implicada em migrações, são mulheres (Buijs, 1993; Ackers, 1997). Uma grande percentagem destas mulheres viaja só, sem acompanhantes masculinos (Ackers, 1997; Pooley e White, 1991; Barreto, 2005). Tanto investigadores como historiadores e responsáveis políticos, no meio do aceso debate da União Europeia sobre a detenção/abertura do fluxo actual de imigração (Hamilton, 1994; Spencer, 1994), subvalorizaram a amplitude e as razões da migração feminina para, ou dentro, da Europa (Erickson, 1976; Pooley e White, 1991; Buijs, 1993). É possível que tal exclusão tenha dado lugar a uma interpretação errónea dos processos migratórios.

² Segundo o Relatório das Nações Unidas (2005), “(...) 90 milhões de mulheres residem actualmente fora dos seus países de origem, representando quase metade dos migrantes internacionais a nível mundial. A proporção (...) cresceu de 46%, em 1960, para 49%, em 2000, e hoje atinge já 51%, nas regiões mais desenvolvidas.

³ Relatório de Estatísticas da Imigração, Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas/Presidência do Conselho de Ministros, Dezembro 2005.

Portugal tem, também, conhecido o progressivo crescimento da feminização da imigração e da participação das mulheres migrantes no mercado de trabalho. Contudo, são poucas as reflexões sobre este tema, embora muito recentemente comecem a surgir alguns trabalhos, sobretudo dedicados à população feminina imigrada no nosso país (Perista e Machado, 1997; Perista, 1998a e 1998b; Abranches, 2004; Sertório e Pereira, 2004).

“O imigrado não pode assim ser o representante da cultura do seu país e nem sequer da sua comunidade particular original, porque se encontra fora da evolução (nomeadamente cultural) do país e da sua comunidade. Por mais esforços que façam por permanecer fiéis à sua cultura de origem, os imigrados estarão sempre mais ou menos desfasados da evolução dessa cultura depois do momento em que partiram.” (Cucho, 1999: 156)

Nesta viragem de século, em que nos percebemos cidadãos do mundo, o que tanto nos constrange como nos liberta, a construção da identidade torna-se num permanente confronto entre *nós* e os *outros*. Efectivamente, a *aldeia global* não é homogénea, e hoje coloca-se a questão se ela existirá de facto, ainda que haja uma grande influência de indústrias culturais de massas. Contudo, mantêm-se fortes tensões entre o nacional e o local, entre o local e o estrangeiro. E, como defende Stuart Hall, no mundo contemporâneo coexiste o velho e o novo, o local e o global, o moderno e o tradicional, o universal e o particular, produzindo uma heterogeneidade cultural ligada a sujeitos já não definidos por identidades unificadas e estáveis, mas por “identidades contraditórias”, “continuamente deslocadas” (Hall, 2003a). A identidade encontra-se, assim, associada a um projecto democrático de coabitação mas, simultaneamente, torna-se num princípio de conflito.

“(…)a homogeneização cultural é o grito angustiado daqueles/as que estão convencidos/as de que a globalização ameaça solapar as identidades e a «unidade» das culturas nacionais. Entretanto, como visão do futuro das identidades num mundo pós moderno, este quadro, da forma como é colocado, é muito simplista, exagerado e unilateral” (Hall, 2003: 77).

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da comunicação social e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas de tempos, lugares, histórias e tradições específicos parecem "flutuar livremente". Segundo Hall (2003a: 71) "todas as identidades estão localizadas no espaço e no tempo simbólico", têm aquilo que Edward Said (1990) chama de suas "geografias imaginárias". Em certa medida, o que está em jogo na transformação das identidades é esta tensão entre o *global* e o *local*.

“Quanto mais vos impregnardes da cultura do país de acolhimento, mais o podereis impregnar com a vossa [...] Quanto mais um imigrante sentir que a sua cultura de origem é respeitada, mais ele se abrirá à cultura do país de acolhimento.” (Maalouf, 2002: 53)

Em contextos de diáspora, a temática da diversidade e da unidade (Vieira, 1999b) e das estratégias identitárias (Camilleri, 1990) estão no centro da questão. O imigrante procura (re)construir o seu novo *eu* separando os seus mundos, conciliando os dois ou construindo uma terceira dimensão identitária, procurando a via mais segura do ponto de vista ontológico – é um terceiro instruído, “habitante das duas margens e frequentando esse meio em que convergem os dois sentidos” (Serres, 1993: 22).

“O senso comum representa o indivíduo como um bloco, homogéneo, separado da sociedade, dirigido por um centro clarividente, até mesmo racional nas concepções (as crenças) mais extremas. A realidade do sistema de produção concreta está no exacto oposto desta representação. O indivíduo é um processo, mutável, apanhado numa confusão de forças contraditórias” (Kaufmann, 2003: 243).

Ao longo da sua vida a pessoa vive entre várias esferas e contextos sócio-culturais, sendo que a sua identidade acaba por ser resultado de uma metamorfose cultural, uma nova dimensão, auto e hetero-construída entre o contexto de partida e o de chegada, num dado momento (Vieira, 1999b). A este propósito, Wieviorka entende que a mestiçagem não implica unicamente a mistura de culturas, pois “podem inventar-se formas culturais originais que não suplantem por inteiro aquelas dos quais extraem a sua

origem.” (Wieviorka, 2002: 92-93). Assim, falar de identidade(s) pessoal(ais), “implica pensar num projecto que se constrói para o futuro, mas que se concebe no presente, [...] um presente ancorado no passado” (Vieira, 1999b: 39). A pessoa nunca é só o *resultado* do seu passado, é também presente e é nele, espaço de escolhas de crises e angústias (Dubar, 2000), que se idealiza o projecto futuro (Boutinet, 1992).

“A identidade não é mais do que o resultado simultaneamente estável e provisório, individual e colectivo, subjectivo e objectivo, biográfico e estrutural, dos diversos processos de socialização que, em conjunto, constroem os indivíduos e definem as instituições” (Dubar, 1997: 105)

Segundo Dubar (1997), a noção de identidade não coloca em oposição a identidade individual e a colectiva, mas antes estabelece uma articulação entre ambas, dando origem à construção das identidades sociais. Deste modo, a construção da identidade não pode ser vista numa perspectiva *essencialista*, nem pode abstrair-se do contexto relacional, “faz-se no interior de quadros sociais que determinam a posição dos agentes e, por isso, orientam as suas representações e as suas escolhas” (Cuche, 1999: 139-140). É a identidade como manifestação social (Barth, 1969), em que a identidade é sempre uma relação com o outro; identidade e alteridade articulam-se uma na outra e mantêm uma relação dialéctica.

Assim, a pessoa no papel de imigrante pode conter identidades múltiplas, fruto de tensões e conflitos resultantes não só, mas em grande parte, desta “sociedade em rede” (Castells, 2001: 17) que se cruza com o fenómeno da globalização que vem “possibilitar a perspectivação da diferença” (Ramalho cit. por Santos, 2001: 527), reforçando assim, não a essencialização das identidades mas a sua característica fundamental: a construção de sentidos nos contextos sociais implicados. Num mundo globalizado, existe uma tendência para alguns estados e nações se reconfigurarem com base numa identidade nacional (Reino Unido, estado espanhol, ex-Jugoslávia). Todavia, outro tipo de identidades pode inspirar esse mesmo processo. Neste processo, e no dizer de Magalhães (2001: 301) a reflexividade assume-se como a “característica maior no

processo de formação da relação do eu consigo próprio nas condições de modernidade tardia”.

2. A METODOLOGIA

“A importância significativa do objecto, a perspectiva conceptual e o ponto de vista valorativo condicionam o acto com que o cientista social interroga o real. Um real, por outro lado, que, ao contrário dos objectos naturais, quantitativos, exteriores e opacos, palpita de sentido, está animado de motivações, é singular, é cultural.” (Casal, 1996: 29).

Se a metodologia é o caminho a percorrer para *alcançar* o conhecimento, o ponto de partida passa pelo quadro teórico que escolhemos para o nosso estudo. E é através desse *lugar* que iremos definir o caminho: a escolha das opções metodológicas.

Actualmente, é usual distinguirem-se duas abordagens na investigação em educação: por um lado, o paradigma denominado de quantitativo⁴, ou *positivista*, que se centra sobretudo na racionalização e na generalização dos fenómenos, preocupando-se mais com a verificação das regularidades sociais do que na sua compreensão; por outro lado, o paradigma denominado de qualitativo, ou *naturalista*, que privilegia, “essencialmente, a compreensão dos comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação” (Bogdan e Biklen, 1994: 16).

Neste sentido, e tendo em consideração as construções experienciais dos sujeitos e o “estudo das percepções pessoais” (Bogdan e Biklen, 1994: 11) esta investigação insere-se numa abordagem qualitativa, diferente de escolas *positivistas* e/ou *verificacionistas*, que buscam a objectividade, a explicação, a causalidade, a generalização. No dizer dos autores, a investigação qualitativa privilegia, “essencialmente, a compreensão dos

⁴ À expressão *investigação qualitativa*, utilizada por Bogdan e Biklen (1994), estão associadas outras expressões, nomeadamente as expressões “investigação de campo” (Junker, 1960), “naturalista” (Guba, 1978, Wolf, 1978), “etnográfica” (Goetz e LeCompte, 1984), “interaccionismo simbólico”, “perspectiva interior”, “Escola de Chicago”, “fenomenologia”, “estudo de caso”, “etnometodologia”, “ecologia” e “descritivo”.

comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação” (ibidem: 16).

Segundo Silva (2003: 50):

“(…)os estudos qualitativos assentam na descrição rica em pormenores da vida quotidiana. Constituem uma celebração da diversidade. Uma diversidade que, não paradoxalmente, vive, amiúde, paredes meias com a singularidade. Uma singularidade – por muito parcial que seja – só possível de identificar e entender perante um redobrar de atenção em relação ao obstáculo etnocentrista no processo de produção de conhecimento científico.”

O objectivo primordial é, pois, “ir ao ponto de compreender a compreensão dos outros” (Silva, 2003: 31), é a busca da “descrição densa” voltada para a busca de “estruturas de significação”, na tentativa de aprofundar o nível de entendimento de um momento que está a ser vivido pela pessoa, permitindo confrontar o discurso com a prática dos actores.

“O conceito de cultura que eu defendo [...] é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados, que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa à procura de significados” (Geertz, 1989: 15).

Surge, assim, a identificação com Weber que se recusa em falar de leis generalizáveis à complexidade das diversas singularidades sociais. Esta perspectiva interior ou émica (Vieira, 1998) da mundivisão do sujeito da investigação conduz-nos a uma abordagem da cultura que alguns autores designam por paradigma interpretativista, que preconiza aceder ao significado que o outro atribui às suas acções. Yáñez Casal (1996: 29), debruçando-se sobre a metodologia compreensiva weberiana refere que, nas ciências sociais, “procura-se compreender as peculiaridades da vida que nos rodeia ‘dentro e fora de nós’, isto é, nas suas manifestações mais significativas e nos seus condicionalismos causais”. Contrariamente ao paradigma positivista de Durkheim, interessa aqui dar relevo ao mundo subjectivo, “o da consciência, da intuição, dos valores” (Vieira, 1999a: 34), como forma de procurar os significados que os sujeitos atribuem ao seu comportamento, e não em busca do comportamento *per se*.

“A hermenêutica diz respeito à compreensão e a compreensão diz respeito ao sentido [e este] é atribuído e captado através de signos, nomeadamente os signos da linguagem. [...] Na perspectiva hermenêutica, a questão epistemológica em torno do par objecto/sujeito do conhecimento deixa de fazer sentido [...]. (Casal, 1996: 49-50)

No contexto actual em que as migrações são um fenómeno incontornável, e indo ao encontro do objectivo principal desta investigação, pretende-se estudar e entender, numa perspectiva hermenêutica (Casal, 1996; Dilthey, 1942), émica (Vieira, 1999a), interpretativa (Geertz, 1989), etnográfica (Hammersley-Atkinson, 1994) não essencialista mas antes relacional, como possibilidade de aproximação entre os sujeitos, o sentido que as mulheres imigrantes atribuem à sua dupla condição – de mulher e de imigrante – recorrendo a dados empíricos e às suas narrativas enquanto sujeitos que vivem estes processos na primeira pessoa, repletos de constrangimentos e/ou sucessos decorrentes da diáspora. Assim, estudar as suas trajectórias sociais, de um ponto de vista antropológico e fenomenológico (Casal, 1996; Fortin, 1998), permite-nos entender o sentido que as pessoas atribuem aos seus projectos de vida.

Neste sentido, uma abordagem compreensiva não se estabelece mediante a operacionalização de variáveis definidas *a priori*, como acontece em investigações laboratoriais, mas formula-se com o objectivo de estudar os fenómenos em toda a sua complexidade e em contexto natural. O investigador não parte, assim, de um quadro teórico com o objectivo de responder a questões prévias ou de testar hipóteses; pelo contrário, privilegia a compreensão dos comportamentos dos sujeitos a partir das interpretações que os mesmos fazem sobre esses mesmos comportamentos. Sem partir de verdades absolutas, o investigador preocupa-se em compreender detalhadamente e aprofundadamente o que é que os sujeitos pensam e como é que desenvolvem os seus quadros de referência (Bogdan e Biklen, 1994).

Esta perspectiva é igualmente defendida por Vieira (1992) que valoriza a preocupação de entender e buscar o processo e não apenas o produto. Ainda na perspectiva deste autor, “[...] as metodologias qualitativas têm-se vindo a impor [...] às quantitativas, o que implica um contacto directo e prolongado do investigador com a realidade a estudar.” (Vieira, 1992: 19). No entanto, é fundamental a existência de um quadro

teórico de referência e condutor da pesquisa e da análise que permita assegurar a cientificidade de todo o processo, tal como referem Quivy e Campenhoudt (1995):

“Os nossos conhecimentos constroem-se com o apoio de quadros teóricos e metodológicos explícitos, lentamente elaborados, que constituem um campo pelo menos parcialmente estruturado, e esses conhecimentos são apoiados por uma observação dos factos concretos.” (Quivy e Campenhoudt, 1995: 20)

No decorrer da nossa investigação deparamo-nos com situações que muitas vezes questionam os pressupostos teóricos da nossa investigação. O desafio é conseguirmos ler a realidade de forma crítica, aberta, contextualizada, relacional e reflectida, apoiado por um quadro teórico de referência que delimite a nossa pesquisa e nos permita compreender os sujeitos com base nos seus pontos de vista, bem como utilizar técnicas de pesquisas adequadas para o efeito. Torna-se, assim, fundamental conhecer para poder entender, reconhecendo que o conhecimento é sempre o esvaziamento de preconceitos numa visão que transcenda o *senso comum*, não como um processo feito de uma só vez, mas como uma atitude e um trabalho de vigilância crítica e de construção conceptual permanente (Silva e Pinto, 1986). Segundo Augusto Santos Silva (1986), o investigador:

“(…) tende muitas vezes a produzir interpretações naturalistas, individualistas e etnocentristas dos factos humanos, procurando explicá-los por características que pensa ligadas à ‘natureza’ da humanidade ou de certos grupos dela, por factores (disposições psíquicas e comportamentos) individuais, e em função dos valores dominantes na sociedade ou na classe a que pertencem os interpretadores.” (Silva, 1986: 31)

Portanto, num contexto de investigação há que ter uma atenção redobrada, permanentemente, pois este pode revelar-se um terreno *escorregadio*.

De acordo com a problemática anteriormente apresentada, e tendo em conta uma sociedade cada vez mais heterogénea, e que se regula por novos paradigmas epistemológicos, torna-se fundamental a escolha das metodologias, ainda mais porque se tratam de mulheres imigrantes que, em termos de investigação, permaneceram muito tempo sujeitas a uma visibilidade obscurecida pelas teorias dominantes sobre o modo de fazer ciência, em geral, e sobre o estudo das migrações, em particular. Tal como

Kofman (2000) salienta, as perspectivas teóricas e metodológicas e as prioridades de escolha da investigação influíram muito na invisibilidade das mulheres.

De acordo com Liz Stanley (1992: 160), interessa-nos “fazer falar o detalhe vivo do tecido das vidas de mulheres”. Mais do que dar visibilidade aos actores, a investigação que aqui se apresenta pretende fazê-lo conferindo centralidade analítica às suas expectativas e acções. Ou seja, dando-lhes voz, acreditando que a escuta é fundamental para compreender as regularidades, mas também a pluralidade e diversidade, do modo como estas mulheres percebem as suas trajectórias em ciclo de vida, vivem o seu dia-a-dia, exprimem receios, esperanças, desejos. Esta é uma opção metodológica que vai no sentido do proposto por Louise Ackers, quando diz que “este tipo de trabalho exige uma abordagem à teorização com base nas vidas quotidianas das mulheres (...) Neste sentido, não devemos ter a pretensão de falar em nome das mulheres, mas sim usar a investigação como um meio para dar representação às suas vozes e preocupações” (Ackers, 1997: 11).

Na investigação que se pretende levar a cabo não é possível prever o que vamos encontrar do outro lado das mulheres enquanto imigrantes. Por um lado, existe uma realidade social marcada por fortes vagas de imigração, acompanhada de políticas de integração/inclusão e de igualdade de oportunidades; por outro lado, persiste uma realidade que extrapola o decretado pela lei e que, apesar disso, não só não deixa de existir como se torna muitas vezes flagrante.

A presente investigação assentará, portanto, num estudo de caso, mais propriamente num estudo multi-casos, pois permite ao investigador estar “pessoalmente implicado ao nível de um estudo aprofundado de casos particulares” (Lessard-Hérbert et al, 1994: 169) e assenta sobretudo na interacção de factores e acontecimentos. Segundo Bell (1993: 23), o estudo de caso é “muito mais que uma história ou descrição de um acontecimento ou circunstância” e, citando Nisbet e Watt (1980, cit. por Bell, 1993: 23) “por vezes, apenas tomando em consideração um caso prático pode obter-se uma ideia completa desta interacção”. Neste sentido, só poderemos compreender os

acontecimentos se compreendermos a percepção e a interpretação feita pelos sujeitos da investigação. (Tuckman, 2000: 508).

O estudo de caso acaba por provocar, em quem participa dele, uma espécie de reciclagem pessoal, de descobertas pessoais; todos os envolvidos – sujeitos investigados e o próprio investigador – acabam, de certo modo, por viver uma experiência de auto-descoberta, de auto-formação. Na vida de cada pessoa há acontecimentos críticos, momentos que dificultam as escolhas e de uma grande exigência reflexiva. Pretende-se reconstruir alguns desses momentos, por vezes particularmente dramáticos, onde se constrói e reconstrói a capacidade de reflexão sobre o quotidiano, e que levam a opções delicadas, por vezes feitas em contextos de grande conflito emocional, como é o caso da imigração.

Como forma de selecção das seis mulheres a estudar, recorreremos a entrevistas exploratórias, sendo que a observação está sempre presente no decorrer das entrevistas e no contacto pessoal com os sujeitos estudados. Assim, numa primeira fase, as entrevistas exploratórias, das quais apresentaremos parte mais à frente, constituíram uma importante forma de ajudar a constituir a problemática de investigação, pois permitiram descobrir determinados aspectos pertinentes para o estudo que não foram, à partida, contemplados.

Numa segunda fase, realizar-se-ão entrevistas etnográficas (Hammersley e Atkinson, 1994), etnobiográficas (Spradley, 1979; Vieira, 2003), semi-estruturadas, como conversa (Burgess, 1997), com o intuito de captar as suas subjectividades como pessoas em processos de constante metamorfose cultural e reconstrução das suas identidades pessoais. Consideramos que a entrevista semidirectiva é especialmente adequada a este estudo pois pretendemos fazer “uma análise do sentido que os actores dão às suas práticas e aos acontecimentos com os quais se vêem confrontados: os seus sistemas de valores, as suas referências normativas, as suas interpretações de situações conflituosas ou não, as leituras que fazem das próprias experiências; [...] a reconstituição de um processo de acção, de experiências ou de acontecimentos do passado” (Quivy e Campenhoudt, 1995: 193).

3. AS ENTREVISTAS

Apresenta-se, de seguida, parte da investigação exploratória realizada, onde se recorreu a entrevistas abertas, de discurso livre, em busca da empatia e da preparação para, a pouco e pouco, criar o contexto para fazer as entrevistas mais em profundidade, que estão já em curso.

Decidiu-se trazer parte da investigação exploratória, primeiro porque não estão ainda concluídas as entrevistas base do trabalho nem a sua análise de conteúdo, realizada de um modo interpretativo, cruzando vozes e conceitos; segundo porque consideramos que esta fase ilustra bem a eficácia das entrevistas etnobiográficas neste tipo de estudo, que acaba por conduzir a uma aprendizagem e formação quer do entrevistador quer do entrevistado.

Desta forma, a entrevista neste tipo de estudo é, por um lado, etnográfica porque pretende captar o ponto de vista do outro, através da sua própria voz, evitando o mais possível mediar as respostas com perguntas (como se fará em questionários direccionados e modelos mais verificacionistas) e deixando a pessoa aceder às suas vivências segundo a sua própria lógica. Por outro lado, é etnobiográfica porque, para além de querer captar esse lado particular e interior contado na primeira pessoa, fá-lo apelando à reflexividade do actor transformado em sujeito (Jean-Claude Kaufmann, 2004; Alain Touraine, 1997, 2005), que pensa a sua trajectória social e pessoal entre margens não estanques e nunca finalizadas. É esta capacidade reflexiva que permite ao sujeito tornar-se objecto de si próprio. Ao restaurar de modo crítico a sua história, a pessoa repensa o seu passado, pensa o presente e (re)constrói o seu futuro (Souza, 2006).

As entrevistadas que elegemos para pensar neste texto - Nívea e Antónia, brasileiras - fizeram parte de dois momentos de entrevista na fase exploratória, e farão ainda parte de um terceiro, desta feita mais aprofundado.

Mais do que perguntar pretende-se ouvir (Iturra, 1986) e, nesse terceiro momento, as imigrantes terão já uma noção mental do seu percurso de vida mais definido, mais

consciente, mais reflexivo, que as permitirá falar expressando sentimentos, dificuldades de integração ou de exclusão, motivações, estratégias de sobrevivência, entre outros aspectos que foram abordados nas primeiras conversas de forma mais superficial.

Assim, partimos para estas primeiras conversas levando um conjunto de questões mais ou menos estruturadas, que foram sendo completadas no decorrer das conversas seguintes. Contudo, aqui só ilustraremos as questões e alguns extractos de vozes relativos às dimensões subjectivantes:

- Em termos identitários, como se definiriam hoje?
- Abandonaram definitivamente a cultura de origem?
- Adoptaram a cultura do país de acolhimento?
- Vivem entre estes “dois mundos”?
- Como foi/é vivida esta relação?
- Que confrontos encontram (nesta tensão) entre duas culturas?
- Como avaliam a sua trajectória, o seu percurso pessoal e social?
- O que aprenderam?

A primeira entrevista, não gravada (por ser o primeiro momento de interacção e por forma a não criar constrangimento), deu origem a respostas mais curtas, directas, factuais, objectivas, sem reflexividade sobre esse *eu* em (re)construção. As entrevistadas chegam a falar sobre a ambivalência que sentem relativamente às suas pertenças mas não chegam a reflectir sobre as eventuais crises identitárias, os momentos críticos, as escolhas que tomaram, entre outros aspectos. Esta primeira conversa serviu para criar alguma confiança e empatia, permitindo, essencialmente, delinear algumas linhas dos seus perfis sócio-culturais e denotar alguns traços de pertença identitária.

Contudo, na segunda conversa, ao racionalizarem as experiências passadas, ao buscarem acontecimentos passados e reflectirem sobre alguns dos acontecimentos presentes, as entrevistadas conseguiram transmitir muito melhor o seu ponto de vista e as suas vivências, com factos mais concretos retirados da sua realidade. Tornou-se evidente que o facto de contarem a sua vida a alguém que as questiona a partir das suas

próprias lógicas e contextos lhes provoca uma espécie de reciclagem pessoal, de descobertas em si, de auto-formação.

3.1. EXTRACTOS

AS PERTENÇAS IDENTITÁRIAS

1º Exemplo: O caso da Nívea

Nívea (42 anos, nascida em Pimenta, Minas Gerais, casada antes de imigrar, filho de 12 anos nascido em Portugal), quando na primeira conversa lhe pedimos para falar de como se sentia ao nível das suas pertenças identitárias, ela respondeu que vivia bem porque se adaptou bem ao país e que o seu coração estava dividido ao meio, entre Portugal e Brasil. Contudo, na segunda conversa, ao abordar a mesma questão, a Nívea respondeu:

“Me sinto 50%, 50%... Como já estou aqui há tantos anos [há 15] não é, sinto-me muito bem ambientada e estruturada como portuguesa, tanto que quando vou ao Brasil, sinto muita saudade daqui, e quando estou aqui logicamente também sinto muita saudade de lá. Mas ao nível familiar, sinto que falta uma parte de mim, uma parte da minha vida está lá com eles... [pausa] Me lembro muito deles mas, p’ra falar verdade, não sinto saudade da vida lá, quer dizer... Agora, se eu pudesse trazia toda a minha família p’ra cá, aí era diferente, seria mais 80% portuguesa. A gente nunca esquece o que viveu p’ra trás, mas já não posso dizer que me sinto brasileira totalmente [...]. Não sei, acho que já não consigo distinguir muito bem, mas a verdade é que nasci lá e fui criada lá. [pausa] Não gosto que falem mal de Portugal, nem do Brasil [risos].”

“Hoje tenho dupla nacionalidade, ao fim de catorze anos decidi pedir a dupla nacionalidade para que o meu filho pudesse usufruir de todos os bens de um cidadão europeu. Mas posso dizer que sinto mais falta de Portugal que do Brasil, pr’o Brasil vou só de férias, 20 dias por ano”.

2º Exemplo: O caso da Antónia

Antónia, (57 anos, nascida em Goiânia, centro oeste do Brasil, casada antes de imigrar, 3 filhos nascidos no Brasil), relativamente às pertenças identitárias, na primeira conversa disse considerar-se 100% brasileira, sem hesitação. Na segunda conversa, explicou melhor o porquê de, após dez anos em Portugal, não ter dúvidas sobre a sua identidade pessoal, referindo alguns incidentes críticos do seu percurso que acabaram por nos mostrar algumas contradições:

“Me sinto brasileira, ainda [risos]. Não consigo sentir-me portuguesa... Não consigo porque é... é muito diferente a maneira de ser brasileira e a maneira de ser portuguesa. Nós não nos não nos casamos bem nesse aspecto.”

“Pela minha idade e pela minha posição de casada, de mãe foi mais fácil a integração. Eu conquistei amigos, mas a nível profissional eu tive de lutar muito e mostrar aquilo que eu sei fazer para que os portugueses acreditassem em mim. Porque aqui vale muito é... o diploma, vale muito é... o *status* que a pessoa tem. Como sou brasileira, sou negra e pobre, pronto. Eu já tenho vários adesivos em cima de mim que não me abre as portas, né? (...) Mas, de resto, aprendi a gostar. Consegui, depois de 10 anos em Portugal, um lugarzinho ao sol...né?”

“[...] somos brasileiros o tempo todo, 24h por dia, tanto na rua como em casa. Às vezes até falando os portugueses não nos entendem, e vice-versa. Mas tem coisas que são diferentes, a própria linguagem, diz que somos muito parecidos mas na realidade somos muito diferentes. [...] Por mais que eu tente gostar de viver o dia-a-dia português eu não consegui ainda, pode ser que daqui a mais 10 anos eu chegue lá...”

“Talvez tenha a ver com algumas coisas que aconteceram... Com a minha pessoa particularmente eu não tenho nada a dizer. Mas com as minhas filhas sim. Elas são discriminadas, às vezes são perseguidas. E elas chegam em casa, reclamam, choram e falam que não conseguiram amigos, que eles mandam embora. Deve ser por isso.”

“Se eu pudesse voltava hoje, né? Mas não posso. Tenho um filho na escola e ele gosta daqui, então eu estou à espera que algo aconteça ou que ele um dia faça a idade que ele entenda que a gente tem que voltar. Por enquanto estou aqui presa... por causa de um filho.”

“Pretendo ficar cá. Não sei se algum dia vou querer voltar. A segurança aqui é muito importante.”

“O Brasil, claro! Não posso negar as cores.”

A RELAÇÃO ENTRE CULTURAS

1º Exemplo: O caso da Nívea

Na primeira conversa, ao perguntarmos como vivia entre estas duas culturas, a Nívea respondeu que fazia a ponte através da comida, música, televisão e capoeira (que o filho pratica), referindo que o filho é mais ligado à cultura portuguesa (nasceu em Lisboa) e só sabe o hino português. Na segunda conversa, a Nívea referiu que:

“Eu de Portugal, lá no Brasil, conhecia a Amália Rodrigues, que minha mãe cantava p’ra mim quando era criança, e Roberto Leal também, e ouvi falar do bacalhau, enfim dos costumes, do rancho, que nós costumávamos ver, eu tinha uma prima que dançava o rancho, [...] e basicamente era isso que eu conhecia. [...]”

“Na comida, lá no Brasil, eu não gostava de bacalhau, visto que todos nós pensávamos que a comida tradicional daqui era bacalhau [...] mas cheguei à conclusão que era lá que não sabia fazer bacalhau, então quando cheguei aqui era um bacalhau completamente diferente e hoje gosto muito de bacalhau. Também cozinho algumas coisas brasileiras, moqueca de peixe, o feijão, a picanha [...] mas a comida daqui é muito gostosa [risos]”

“Eu mantenho o contacto com a cultura brasileira através... meu filho pratica capoeira, que é uma dança, levada pelos Africanos para o Brasil, e eles cantam, dançam; através de telenovelas; através de Internet; dos jornais que nós acompanhamos, e através das músicas brasileiras, o samba, o pagode, não pode faltar não [risos], mas a música é presente lá em casa tanto a brasileira como a portuguesa [...]”

“Depois, a cultura daqui é riquíssima, a história de Portugal é lindíssima, tenho aprendido muito da história com o meu filho, porque estudo com ele a história de Portugal. Por exemplo, ele sabe cantar o hino nacional português, mas não sabe cantar o hino nacional brasileiro. [...] ele se adapta muito melhor à cultura portuguesa, mas nós quisemos isso, nós adaptamos o nosso vocabulário no dia-a-dia da nossa casa, para que ele pudesse se sentir mais à vontade no ambiente onde nasceu. Para o Brasil ele terá muitas oportunidades quando for lá de férias, e conhecer a cultura, e conhecer o hino nacional se for o caso ou o que quer que fosse.”

“Mesmo a nível de teatro, penso que aqui para mim é mais acessível, porque onde morava era no interior não tinha teatro, não tinha cinema, enfim, a terra que a minha mãe mora nem semáforo tem, o que dirá teatro... Então acho que a cultura portuguesa me afectou pelo lado bom [...]”.

2º Exemplo: O caso da Antónia

Na primeira conversa, ao falarmos sobre a forma como vivia entre estas duas culturas, a Antónia respondeu que não conhece nada de Portugal para além da história em geral e que se agarrava ao Brasil através da cultura, da música e da língua (faz questão de não perder a pronúncia e de não adaptar a linguagem). Na segunda conversa, ela já deixou transparecer mais a forma como faz a ponte entre as culturas, e noutros casos não, continuando a denotar-se algumas resistências e contradições, apesar de não conseguir ficar indiferente às influências portuguesas.

“Senti algumas transformações na minha vida, algumas coisas aqui são boas... mas mantenho sempre contacto com a cultura brasileira, tanto na comida, na música que ponho em casa, no modo de falar e quero continuar a ser brasileira.”

“ [...] Quando cheguei a Portugal o que mais me surpreendeu foi a cultura. Acho a mulher portuguesa muito submissa ao marido... e acho o marido muito machista em relação a tratar as suas mulheres. E nesse aspecto já não é bom sinal para um bom casamento. [...] No Brasil os homens são bons maridos ajudam a cuidar dos filhos, dos nossos pais e aqui nesse povo colocam eles no lar, né? E nós cuidamos do

nossos junto connosco não interessa se você é rico se você é pobre [...]. E eu acho que um relacionamento de família é que faz com que nós fiquemos firmes.”

“ [...] vocês aqui adoram bares, restaurantes, come-se muito fora, gastam muito dinheiro com isso e nós lá no Brasil não, a gente só sai pr’a comer fora em épocas especiais. E eu mudei agora, olha, já to indo pr’o café também, já ‘tou deixando meu dinheiro, aprendi isso e acho que é isso é bom. Depois aqui as pessoas não têm o hábito de ler... isso é uma coisa que eu estranhei também, apesar de no Brasil termos muito analfabeto, mas em Portugal também tem muito analfabeto e nem os adolescentes nem as pessoas maduras gostam de ler, e os pais não estimulam este gosto pr’a criança... No Brasil não, nós lemos muito! Desde pequeno, toda gente lê! Só aqueles que não sabem.”

“[...]só como comida brasileira em casa e trouxe também a cultura religiosa, sou espírita [...]. Só ouço música brasileira, se bem que tem algumas portuguesas que eu gosto... Gosto do fado, por exemplo”.

“[...] A gente não pode negar a raça, né? Mas acho isso é um acidente de percurso... O Guilherme se acha português, odeia a minha comida, não gosta da música brasileira [...]. No outro dia falei pr’a ele: Guilherme canta aí meu filho, pr’a mamãe ouvir um bocadinho o hino brasileiro e ele: “Às armas...”, e eu falei: “Guilherme isso não é seu hino meu filho”. E outro dia ‘tava aqui uma cliente e disse “Ah, vou ao Brasil Dona Antónia, vou passear” e ele “Cuidado hem, cuidado, lá no Brasil é o maior perigo, você vai arranjar uma bala perdida...””

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Recorrendo às palavras de Quivy e Campenhoudt (1995), “a entrevista exploratória visa economizar perdas inúteis de energia e de tempo na leitura, na construção de hipóteses e na observação. Trata-se, de certa forma, de uma primeira ‘volta à pista’, antes de por em jogo meios mais importantes” (Quivy e Campenhoudt, 1995: 69). No final desta primeira fase da investigação, podemos afirmar que as entrevistas exploratórias seguiram o seu objectivo, ou seja, contribuíram para ajudar a constituir a problemática de investigação permitindo encontrar importantes pistas quanto aos temas a explorar ou a abandonar, bem como descobrir outros pontos de referência não pensados à partida.

O recurso às entrevistas etnobiográficas permitiram aceder ao lado subjectivo dos sujeitos, segundo a sua própria lógica, provocando neles reflexividade e capacidade de se (re)contar e (re)formar. Neste sentido, a reflexividade permitiu aos sujeitos articularem as suas opções de vida e construírem-se identitariamente entre os *possíveis* e os *desejáveis*. Observámos em que medida as entrevistadas se apropriam das diferentes culturas, ou tentam resistir à aculturação, e como as transformam enquanto membro de uma sociedade; como articulam o *facto social* com o *acto individual* (Kaufmann, 2004).

Etnografia

(Actas do III Congresso Internacional)

Cabeceiras de Basto, 13 e 14 de Julho de 2007

Estas mulheres experimentam um contexto manipulador de identidades que ora se fundem, ora se separam para se afirmarem na sua especificidade, ora agem como híbridos ora como bilingues culturais. Assim, diálogo permanente entre o que se aprende na teoria e o que se encontra no terreno torna-se fundamental, pois o objecto do nosso estudo são pessoas que estão em permanente transformação, que vivem um processo complexo sempre inacabado, o que muitas vezes nos impõe uma adequação dos nossos pressupostos iniciais ou da nossa abordagem à problemática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRANCHES, (2004) "Mulheres muçulmanas em Portugal: que estratégias de (re)construção identitária?", in V Congresso Português de Sociologia, Braga.
- ACKERS, Louise (1997) *Shifting Spaces - Women, citizenship and internal migration within European Union*, Bristol: The Policy Press.
- APPADURAI, A. (1996) *Dimensões Culturais da Globalização*, Lisboa: Teorema.
- BARRETO, António (2005) *Globalização e Migrações*, Lisboa: ICS – Universidade de Lisboa.
- BARTH, Fredrik (1969) (Org.) *Los Grupos Étnicos y sus Fronteras*, México: Fondo de Cultura Económica. BARRETO, António (2002) *Tempo de Incerteza*, Lisboa: Relógio d'Água.
- BAUMAN, Zygmunt (1999) *Globalização: as consequências humanas*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- BELL, Judith (1993) *Como realizar um projecto de investigação*, Lisboa: Gradiva.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari (1994) *Investigação Qualitativa em Educação*, Porto: Porto Editora.
- BOUTINET, Jean - Pierre (1992) *Anthropologie du Projet*, Paris: PUF.
- BUIJS, Gina (1993) *Migrant Women: Crossing Boundaries and Changing Identities*, Cross Cultural Perspectives on Women, vol 7, Oxford: Berg.
- BURGESS, Robert G. (1997) *A Pesquisa de Terreno – Uma Introdução*, Oeiras: Celta Editora.
- CAMILLERI, Carmel et COHEN-EMERQUE (1989) (Dir.) *Chocs de cultures: concepts et enjeux pratiques de l'interculturel*, Paris: L'Harmattan.
- CAMILLERI et al (1990) *Stratégies Identitaires*, Paris: PUF.
- CARIA, Telmo (Org.) (2003) *Experiência Etnográfica em Ciências Sociais*, Porto: Afrontamento.
- CASAL, ADOLFO Yánez (1996) *Para uma Epistemologia do discurso e da Prática Antropológica*, Lisboa: Cosmos.
- CASTELLS, Manuel (2001) *A era da informação: economia, sociedade e cultura*, Vol. II, São Paulo: Paz e Terra.
- CUCHE, Denys (1999) *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais*, Lisboa: Fim de Século.
- CUNHA, Pedro D' Orey da (1997) *Entre dois mundos – Vida Quotidiana de Famílias Portuguesas na América*, Lisboa: Secretariado Coordenador dos Programas de Educação Multicultural, Ministério da Educação.
- DILTHEY, W. (1942) *Introduction à l' Etude des Sciences Humaines*, Paris: PUF.
- DUBAR, Claude (1997) *A socialização – construção das identidades sociais e profissionais*, Porto: Porto Editora.
- ERICKSON, C. (1976) *Emigration from Europe, 1815-1914*, Londres: Adam and Charles Black.
- FORTIN, Marie (1998) *O Processo de Investigação – da concepção à realização*, Loures: Lusociência.

- GEERTZ, Clifford (1989) *A Interpretação das Culturas*, Rio de Janeiro: LTC Editora.
- GIDDENS, Anthony (1991) *As consequências da modernidade*, São Paulo: UNESP.
- GIDDENS, Anthony (1994) *Modernidade e Identidade Pessoal*, Oeiras: Celta.
- GONÇALVES, Marisa; FIGUEIREDO, Alexandra (2005) “Mulheres imigrantes em Portugal e o mercado de trabalho: diferentes percursos, inserções laborais semelhantes” in *Imigração e Etnicidade: Vivências e Trajetórias de Mulheres em Portugal*, Lisboa: SOS Racismo.
- GUERRA, Isabel (2006) *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo*, Estoril: Príncipia.
- HALL, Stuart (2003a) *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*, Rio de Janeiro: DP& A.
- HALL, Stuart (2003b) *Da Diáspora – Identidade e Mediações Culturais*, Belo Horizonte: UFMG.
- HAMMERSLEY, M. e ATKINSON, P. (1994) *Etnografía – Métodos de Investigación*, Barcelona: Paidós.
- HAMILTON, K. (1994) *Migration and the New Europe*, Washington: Centre for Strategic and International Studies.
- ITURRA, Raul (1986). "Trabalho de campo e observação participante em Antropologia" in SILVA, Augusto Santos; PINTO, José Madureira (1986) (Org.), *Metodologia das Ciências Sociais*, Porto: Afrontamento.
- KAUFMANN, Jean- Claude, (2003) *Ego – Para uma Sociologia do Indivíduo*, Lisboa: Instituto Piaget.
- KAUFMANN, Jean-Claude (2004) *A Invenção de Si – Uma teoria da identidade*, Lisboa: Instituto Piaget.
- KOFMAN Eleonore et al (2000) *Gender and International Migration in Europe: Employment, Policies and Welfare*, Londres: Routledge.
- LACLAU, Ernest (1990) *New reflections of the revolution of our time*, London: Verso.
- LALANDA, Piedade (1999) “Investigar ou a arte de descobrir” in CARREIRAS, Helena; FREITAS, Fátima; VALENTE, Isabel (Orgs.) (1999) *Profissão Sociólogo*, Oeiras: Celta, pp. 11-17.
- LAPLANTINE, François; NOUSS, Alexis (2002) *A mestiçagem*, Lisboa: Instituto Piaget.
- LESSARD-HÉBERT, Michelle; GOYETTE, Gabriel; BOUTIN, Gérald (1994) *Investigação Qualitativa – fundamentos e práticas*, Lisboa: Instituto Piaget.
- LYOTARD, Jean-François, (1989) *A Condição Pós-Moderna*, Lisboa: Gradiva.
- MAALOUF, Amin (1998) *As Identidades Assassinas*, Lisboa: Difel.
- MAGALHÃES (2001) “O Síndrome de Cassandra: Reflexividade, a Construção de Identidades Pessoais e a Escola” in STOER, S. (2001) et al *Transnacionalização da Educação*, Porto: Afrontamento.
- PERISTA, Heloísa; MACHADO, Fernando Luís (1997) “Femmes immigrées au Portugal: identités et différences” in *Migrations-Société*, vol. 9, pp. 91-103.

- PERISTA, Heloísa (1998a) “Mulheres em Diáspora na União Europeia – Percursos migratórios e trajetórias profissionais e familiares” in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 50, pp. 153-165.
- PERISTA, Heloísa (1998b) “Women in Diaspora in the EU: migration, family life and Professional trajectories, in FERREIRA, V. et al (1998) *Shifting Bonds, Shifting Bonds - Women, mobility and citizenship in Europe*, Lisboa: Celta, pp.225-231.
- POOLEY, Colin; WHITE, Ian (1991) *Migrants, Emigrants and Immigrants: A social history of migration*, Londres: Routledge.
- QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, LucVan (1995) *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa: Gradiva.
- SAINT-MAURICE, Ana (1997) *Identidades Reconstruídas – Cabo-verdianos em Portugal*, Oeiras: Celta.
- SANTOS, Boaventura S. (1992) *Introdução a uma ciência pós-moderna*, Porto: Afrontamento.
- SANTOS, Boaventura S. (1997) “Por uma concepção multicultural de direitos humanos” in *Revista Crítica de Ciências da Educação*, nº 48, pp. 11-32.
- SANTOS, Boaventura S. (Org.) (2001) *Globalização: Fatalidade ou Utopia?*, Porto: Afrontamento.
- SERRES, Michel (1993) *O Terceiro Instruído*, Lisboa: Instituto Piaget.
- SERTÓRIO, Elsa; PEREIRA, Filipa Sousa (2004) *Mulheres Imigrantes*, Lisboa: Ela por Ela.
- SILVA, Augusto Santos; PINTO, José Madureira (1986) (Org.), *Metodologia das Ciências Sociais*, Porto: Afrontamento.
- SILVA, Pedro (2003) *Etnografia e Educação – reflexões a propósito de uma pesquisa sociológica*, Porto: Profedições.
- SOUZA, Elizeu (2006) “Pesquisa narrativa e escrita (auto)biográfica: interfaces metodológicas e formativas” in *Anais II CIPA – Congresso Internacional sobre Pesquisa (Auto)biográfica - Tempos, Narrativas e Ficções: a invenção de si*, Salvador – Bahia: UDUNEB.
- SPENCER, S. (1994) *Strangers and Citizens: a positive approach to migrants refugees*, Londres: IPPR/Rivers Oram Press.
- SPRADLEY, J. (1979) *The ethnographic interview*, N.N.Y.: Prentice Hall.
- STOER, Stephen R.; MAGALHÃES, António (2005) *A Diferença Somos Nós – A gestão da mudança social e as políticas educativas e sociais*, Porto: Afrontamento.
- TOURAINÉ, Alain (1997) *Iguais e Diferentes – Poderemos Viver Juntos?*, Lisboa: Instituto Piaget.
- TUCKMAN, Bruce W. (2000) *Manual de Investigação em Educação – como conceber e realizar o processo de investigação em educação*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- VELHO, Gilberto (1994) *Projecto e Metamorfose – Antropologia das Sociedades Complexas*, Rio de Janeiro: Zahar.

- VIEIRA, Ricardo (1992) *Entre a Escola e o Lar*, Lisboa: Fim de Século.
- VIEIRA, Ricardo (1998) “Etnografia e histórias de vida na compreensão do pensamento dos professores” in ESTEVES, António; AZEVEDO, José (Orgs.) (1998) *Metodologias Qualitativas para as Ciências Sociais*, Porto: Instituto de Sociologia, pp. 49-61.
- VIEIRA, Ricardo (1999a) *Histórias de Vida e Identidades – Professores e Interculturalidade*, Porto: Afrontamento.
- VIEIRA, Ricardo (1999b) *Ser Igual, Ser Diferente: Encruzilhadas da Identidade*, Porto: Profedições.
- VIEIRA, Ricardo (2003) “Vidas revividas: etnografia, biografias e a descoberta de novos sentidos” in CARIA, Telmo (Org.) (2003) *Metodologias Etnográficas em Ciências Sociais*, Porto: Afrontamento, pp. 77-96.
- WALL, Karin et al (2005) *Female Migration Vision – Immigrant Women in Portugal: migration trajectories, main problems and policies*, Lisboa: ICS - Universidade de Lisboa.
- WIEVIORKA, Michel (2002) *A Diferença*, Lisboa: Fenda Edições.
- XIBERRAS, Martine (1993) *As Teorias da Exclusão – para uma construção do imaginário do desvio*, Lisboa: Instituto Piaget.